

## **AS POTENCIALIDADES DA INTERCULTURALIDADE: REFLEXÕES SOBRE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA E FORMAÇÃO DOCENTE**

**José Veiga Viñal Junior**  
**Alan Santos Nascimento**

### **INTRODUÇÃO**

A interculturalidade, sem sombra de dúvidas, é uma importante estratégia pedagógica para o ensino de línguas estrangeiras, mas quando se trata especificamente do ensino de Língua Espanhola, ela se torna primordial e indispensável por conta, principalmente, da proximidade existente entre a nossa língua, o português, e a língua em questão.

É importante ressaltar que muitas vezes a cultura dos países hispano-americanos torna-se invisível, ocultado ou visto de forma superficial nos processos formais de aprendizagem no Brasil, inclusive nos cursos de Licenciatura e Habilitação em Língua Espanhola. Neste processo, ao tempo que se oculta a história dessas nações, também se silencia toda a riqueza de tradições desses mais variados países. Nessa perspectiva, o objetivo desse presente trabalho consiste em demonstrar o quanto a interculturalidade é de suma relevância para o ensino de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE), ressaltando o ensino intercultural como uma ferramenta eficaz e de grande potencial para atender a formação discente no ensino de Línguas Estrangeiras.

Assim, diante do exposto, pretende-se destacar a relevância do reconhecimento e entendimento dos usos e potencialidades da interculturalidade como parte importante no processo de ensino e aprendizagem de espanhol como língua estrangeira, visto que desempenha papel fundamental na construção de um ensino de LE que abarque questões de diversidade cultural, podendo ainda ser vista como força libertadora, desmistificadora de estereótipos e estigmas acerca da língua em estudo, possibilitando a ampliação da visão de mundo por partes dos indivíduos que são expostos a ela.

Para isso, a construção desse artigo pautou-se em uma revisão bibliográfica com apoio da consulta a documentos oficiais que tratam sobre temáticas como: interculturalidade, cultura, ensino, aprendizagem, segunda língua, formação discente/docente, língua espanhola e currículo.

### **1 INTERCULTURALIDADE: HISTÓRICO, DEFINIÇÃO E ASPECTOS**

Na contemporaneidade, os envolvidos em gerir e aprimorar o ensino de línguas estrangeiras, como os professores, o sistema de ensino, editoras, autores, pesquisadores e equipe gestora, têm buscado inovar e dinamizar sua estrutura a fim de melhor atender seu público alvo (alunado) e facilitar a didática do professor em sala de aula. Nesse contexto, a interculturalidade tem desempenhando um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem de Línguas Estrangeiras (LE).

Um passo importante para o ensinamento de uma LE, especificamente o da língua espanhola, é a possibilidade de, além de conhecer a cultura do outro - muitas vezes desconhecida pelos alunos -, desmistificar estigmas e estereótipos acerca do idioma ou das culturas, pessoas e costumes que esse idioma representa. Ademais, há a possibilidade de desconstruir preconceitos (papel importantíssimo por parte do professor), incentivando este público a respeitar outros povos, suas práticas e culturas. (ALMEIDA FILHO, 2002)

No entanto, primeiramente faz-se necessário entender o que é cultura, posto ser este conceito a base da interculturalidade. A cultura surge a partir da formação de novas "tribos" sociais por meio de seus costumes, religiosidades, ideologias, valores, credences etc., e de maneira coletiva. Contudo, definir o que de fato é cultura é um processo complexo, pois seu conceito e entendimento tende a divergir de um autor para outro, ainda que compartilhem do mesmo campo científico.

Em detrimento disso, devemos levar em consideração que existem diversas áreas de estudo, como a sociologia ou antropologia, que apresentam conceitos dentro de suas perspectivas. Segundo Cesnik; Beltrame "A cultura é o elemento primordial que dá unidade a uma sociedade e se cria com base em relações que fazem sentido nesse contexto. (...) A cultura define a sociedade pela capacidade que ela desenvolve de criar elementos que permitem à própria sociedade se reconhecer (2005, p. 4).

Um conceito comum e coerente à cultura, construído ao longo do tempo, infere que ela é um conjunto de manifestações, crenças, religiões, hábitos de um povo ou um grupo. Esta concepção referencia-se principalmente aos conceitos desenvolvidos pelos franceses e alemães no século XIX. (RAMOS, 2001)

Precisamos considerar a palavra cultura cientificamente com base nesses dois conceitos supramencionados. De acordo com o conceito alemão, cultura seria o cultivo das tradições; já conforme ao conceito francês, estaria adstrita ao desenvolvimento científico e ao progresso material. Todavia, simplificando, cultura é fruto das relações sociais e materiais de um grupo ou povo, produzida em um determinado tempo e espaço.

Em nosso cotidiano, a cultura faz-se presente implícita ou explicitamente, seja no diálogo, em expressões artísticas, nos meios de comunicação e de mídia, na escola ou nas relações interpessoais, uma vez que nossas diferenças é o elo que nos une, nos aproxima. Contudo, as manifestações humanas formam um arcabouço cultural, levando em consideração que nosso cotidiano faz parte da nossa formação social.

Em sala de aula, quando o professor promove aulas interculturais abre um leque de possibilidades de conhecimento: de conhecer a si (sua cultura, sua identidade cultural, o processo de formação de seu povo) e conhecer ao outro (outros povos e suas culturas, suas peculiaridades).

Ao tratar das interfaces entre culturas diversas, Canclini alerta sobre dois conceitos que costumam se confundir: diferença e desigualdade. Apesar de estarem, na maioria das vezes, intrinsecamente relacionados, a desigualdade se manifesta como desigualdade socioeconômica enquanto a diferença transparece nas práticas culturais (CANCLINI, 2004 *apud* VASCONCELOS, 2001).

Conforme Viñal Junior (2015), na visão de Freire, a cultura é um fenômeno profundamente complexo e rico e engloba uma variedade de manifestações, compreende então que a cultura não é só a manifestação artística e intelectual que se expressa no pensamento. A cultura manifesta-se, sobretudo, nos gestos mais simples da vida cotidiana. Cultura é comer de modo diferente, é dar a mão de modo diferente, é relacionar-se com o outro de outro modo. A meu ver, a utilização destes três conceitos – cultura, diferenças, tolerância – é um modo novo de usar velhos conceitos. Cultura para nós, é bom frisar, são todas as manifestações humanas, inclusive o cotidiano e é no cotidiano que se dá algo essencial: o descobrimento da diferença (FREIRE, 1997 *apud* VIÑAL JUNIOR, 2015).

Dentro da relação entre culturas existe um fator muito importante chamado Relatividade Cultural (nota 1), o qual incita que não podemos comparar culturas como se houvesse um padrão cultural ou cultura melhor/superior a outra. Fomentando assim o respeito à diversidade cultural. Esse termo se contrapõe ao Etnocentrismo, ou seja, a supervalorização de uma determinada cultura em detrimento de outras.

A interculturalidade em quanto mediadora no ensino de línguas estrangeiras tem a função de assegurar o respeito à cultura em estudo. Embora seja um tema recente em diversas áreas, seja científica ou de ensino, existe desde o início das civilizações mais antigas.

Segundo Canclini, os intercâmbios culturais entre sociedades coincidem com o início da história da humanidade, desde a Grécia Clássica e o Império Romano, com inúmeras trocas e interações ocorridas no Mediterrâneo, passando pela expansão da Europa em direção a América

e a África, produzindo o contato entre diferentes sociedades (CANCLINI, 2006 apud VASCONCELOS, 2001).

Entretanto, a partir do processo de descolonização sucedido na África, América Latina e Ásia, intermediado pelos grandes fluxos migratórios das ex-colônias para o continente europeu, o conteúdo da diversidade cultural começa a ser pautado como área de interesse para os cientistas sociais.

A interculturalidade existe quando há interação entre duas ou mais culturas de maneira sinérgica e horizontal, de modo a proporcionar respeito pelo outro e sua cultura. Além disso, em sua ação, direta e assertiva, apesar das especificidades de cada cultura, para a interculturalidade não existe cultura superior ou inferior à outra. O que reforça seu papel importante de desconstrução de ideologias e preconceitos, muitas vezes, gerados pela falta de conhecimento e contato com o "novo". (ALMEIDA FILHO, 2002)

Nos estudos sobre diversidade cultural, confunde-se muito a interculturalidade com outro conceito muito conhecido, o multiculturalismo. Porém, é preciso ter ciência de que este segundo termo se refere, conforme Fleuri (2005), apenas a coexistência de diversos grupos culturais na mesma sociedade, sem apontar para uma política de convivência (FLEURI, 2005 apud VASCONCELOS, 2001).

Com o auge da globalização no final do século XX, a interculturalidade conseguiu um espaço significativo. A necessidade de manter relações comerciais, por intermédios das trocas de bens, comercialização de mercadorias, mensagens, minimizou as fronteiras e alavancou os fluxos interacionais. A possibilidade de deslocar-se facilmente e o progresso das tecnologias de comunicação em massa propiciou que as pessoas pudessem interagir entre si com mais facilidade, trocar ideias, ademais de entrar em contato com diversas culturas. (VASCONCELOS, 2001)

É neste contexto que surge o conceito de interculturalidade, usado para indicar um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas, sem anular sua diversidade, ao contrário, "fomentando o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos" (FLEURI, 2005 apud VASCONCELOS, 2001, p. 1).

Embora a interculturalidade seja utilizada com frequência no cenário educacional (seja por vias pedagógicas em teorias ou ações), ela tomou grandes proporções em outros âmbitos, posto vir servindo de base para o fomento de políticas públicas e práticas socioculturais.

Um fato é que a interculturalidade já existia há milhares de anos. Sua "ação" no meio social provocou a aproximação entre povos, quebrando barreiras, movendo fronteiras e viabilizando aos indivíduos o respeito à diversidade cultural. Na atualidade, a facilidade de acesso aos meios tecnológicos e da comunicação de massa (TV, jornais, revistas, internet etc.), os jovens, crianças, estudantes, professores ou qualquer outro ser social através de seus aparelhos celulares (*smartphones*) têm "acesso ao mundo" e a possibilidade de entrar em contato com o outro e suas peculiaridades, conseqüentemente conhecer outras culturas, seja de maneira superficial ou profunda.

É importante considerar que, no ensino de línguas estrangeiras, ao trabalhar com a interculturalidade proporciona-se ao alunado uma nova visão de mundo, fazendo que reconheça sua própria cultura e o auxiliando-o na ampliação de conhecimentos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de LE admitem o valor existente ao estudarmos/trabalharmos na sala de aula outras culturas. (BRASIL, 1998)

Dentro desse contexto, compreende-se também que o termo pluralismo cultural ocorre quando há a reunião/encontro/interação de vários e diferentes tipos de manifestações culturais, tradições, ideologias etc. em um mesmo espaço. Para mais, a pluralidade cultural está intrinsecamente ligada ao multiculturalismo. Ao falar de interculturalidade no ensino, é relevante considerar que seu uso viabiliza ao professor desmitificar a monoculturalidade ou multiculturalismo (nota 2) que muitas vezes é imposto sociocultural e historicamente a algum determinado povo, dessa maneira dando abertura a conhecer e compreender a diversidade cultural.

Vale enfatizar que, quando o professor/a utiliza a interculturalidade na sua didática em sala de aula, permite que, para além da dinamização, crie uma abertura à(s) turma(s) em

reconhecer/conhecer as semelhanças e peculiaridades existentes entre a(s) cultura(s) em estudo e a sua. Conforme Moita Lopes "A aprendizagem de uma LE, ao contrário do que podem pensar alguns, fornece talvez o material primeiro para tal entendimento de si mesmo e de sua própria cultura, já que facilita o distanciamento crítico através da aproximação com uma outra cultura". (1996, p.43)

Nesse contexto, de relações entre povos, indivíduos e suas culturas, torna-se indispensável ter em conta que, como apontado anteriormente, o termo diferença é muitas vezes confundido ou equiparado à desigualdade, porém, há uma divergência entre estes conceitos. (BRASIL, 1998)

Por isso, a relevância dos professores, sejam eles de línguas ou de áreas afins, tratem em suas salas de aula a interculturalidade ou a pluralidade cultural de maneira objetiva e acessível. Desse modo, a escola torna-se um espaço de construção, democrático, que garante a igualdade, ademais de abrir "portas e mentes" à diversidade, colaborando para a formação e consolidação da cultura da paz, baseada na tolerância e respeito à humanidade.

Em contrapartida, precisamos perceber como 'anda' a inserção da interculturalidade no ensino/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira. Nesse sentido, considera-se que as universidades e outras instituições de ensino superior devem desempenhar papel primordial, contribuindo para a formação de professores conscientes da importância de se trabalhar a interculturalidade em suas aulas, seja de forma direta ou indireta, implícita ou explicitamente.

Mas é preciso ter claro se realmente a interculturalidade está inserida nos currículos de cursos que formam nossos professores de Língua Espanhola, e é sobre este ponto que nos debruçamos no próximo capítulo.

## **2 INTERCULTURALIDADE NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ESPANHOL: POTENCIALIDADES**

No processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras é crucial reconhecer o valor da interculturalidade, visando um ensino que respeite a diversidade cultural. Contudo, em nosso processo de construção social foi e, ainda, é, comum a discriminação, exclusão social e preconceito étnico, racial, cultural etc.

Ademais de reconhecer o papel importante da interculturalidade, é definitivamente necessário gerar processos e diálogos com a diversidade cultural. As escolas, de modo geral, não estão abertas para a inserção da cultura do outro. Isso gera um grande retrocesso nas lutas por igualdade, respeito aos direitos humanos e diversidade cultural, já que vivemos num país multicultural e multirracial, que possui uma grande riqueza no quesito diversidade.

Para tanto, a interculturalidade além de revolucionar as escolas, as universidades e outras instituições de ensino, visa revolucionar o conhecimento. Em suma, galga a construção e difusão do conhecimento. Entretanto, é preciso deixar de ter medo da diversidade.

Desde a antiguidade, nos grupos mais dominantes (como as igrejas, por exemplo) a diferença sempre foi tida como uma ameaça ou perigo. Porém, no processo de ensino e aprendizagem, a mudança deve consistir, por outras vias, em aprender o que é a diversidade e respeitá-la, ao invés de considerá-la como algo negativo.

Temos que gerar uma mudança na sociedade, visto que no século vigente – em que pese todo processo de globalização - o preconceito ao outro ainda é muito evidente e por vezes desumano, por consequência afeta toda uma estrutura social e a ascensão da cultura da paz.

Em detrimento disso, a diversidade é uma possibilidade para aprendermos e crescermos juntos e, por conseguinte, estruturar melhor nossa sociedade. A partir dela aprendemos e refletimos, precisamente, porque somos diferentes, porque o outro tem algo a dizer, porque o outro pode ser contestado, eu posso questionar, eu posso ouvir, isso tudo porque somos diferentes. (BRASIL, 1997)

Para reforçar a necessidade do ensino da língua espanhola numa perspectiva intercultural, Matos aponta que para atuar sob uma perspectiva intercultural, o professor precisa entender que as sociedades são constituídas heterogeneamente e cada indivíduo possui suas características e que, apesar de algumas poderem ser agrupadas por meio de um fio condutor que apaga as suas diferenças, cada indivíduo será único. Manifestações de

discriminação, racismo ou xenofobia precisam ser combatidas e distanciadas do convívio escolar. (2014)

É importante destacar que sem a diversidade não poderíamos aprender, isso se deve ao fato do aprendizado ser gerado no encontro com o outro. No mais, reside em aprender pela diferença.

Os PCN ressaltam que respeitar e valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas, sim respeitá-los como expressão da diversidade, justificando assim, mais uma vez, a importância de considerarmos as diferenças como algo de suma relevância no ensino intercultural. (BRASIL, 1997)

A superação do medo à diferença é coisa simples e básica. Basta ver a diferença como uma possibilidade, não como um problema ou como um erro a ser corrigido. A criação e/ou aplicação de políticas educativas que gerissem essa ideologia de maneira estrutural e organizada seria um passo crucial nesse procedimento.

No entanto, a escola é desafiada a transformar-se, até mesmo a se reinventar, porque sua estrutura não foi preparada para o acolhimento da diversidade. Temos que levar em consideração que todos os currículos, materiais didáticos, o sistema educativo como um todo, parece não estar aberto ou dar abertura com muita dificuldade para o acolhimento ao outro. Como resultado, gera-se uma transgressão a diversidade.

Esse quadro pode ser modificado, mas isso depende dos gestores do nosso sistema educativo (Sistema, professores, gestões educacionais, centros e instituições de ensino etc.). Precisamos lutar para conseguirmos um ensino que preze pela diversidade e pôr em prática ações afirmativas para haver melhorias na sociedade como um todo. Evidencia-se que a interculturalidade está intrinsecamente ligada à diversidade cultural. E ela, por sua vez, nos possibilita a reconhecer a nós mesmos e a reconhecer o nosso contexto.

Cada uma das culturas existentes na América Latina tem suas próprias ideologias e peculiaridades, sua própria maneira de conhecer, sua maneira de ser e modo de reconhecer o mundo e se inserir nele. Nesse contexto, a interculturalidade não é uma oposição a ciência, apenas quer ser assumida também como uma entrada importante que pertence/constitui a uma cultura e que não é a única. Ela aceita os desafios da diversidade, não a visando como obstáculos ou vantagens, como geralmente se imagina. Uma aposta intercultural não reside unicamente em ter em conta culturas andinas ou negras antigas, por exemplo, mas em conceber abertura ao conhecimento de novas culturas, de novos povos e suas ideologias.

A criatividade, tão grandiosa por sinal, de nossas culturas precisa ser tomada como uma possibilidade contundente para revolucionar a universidade. Em equivalência, existe um grande déficit em boa parte dos cursos de formação de professores de línguas estrangeiras, especificamente queremos destacar os de língua espanhola.

Primeiramente, por suas matrizes curriculares apresentarem raros ou pouquíssimos componentes que incrementem um ensino intercultural, em que pese sua extrema importância no processo de formação e construção social dos alunos.

Segundo, sabe-se que a realidade da oferta do ensino de espanhol como língua estrangeira é quase escassa, principalmente nas regiões do Nordeste. Uma realidade triste e cruel para com os licenciados e estudantes de licenciatura de língua espanhola. Guadalupe; Silva apontam que:

Nos últimos anos, no Brasil, estamos vivenciando um período de mudanças relacionadas ao ensino de Espanhol/Língua Estrangeira. Essas mudanças estão ligadas a novas diretrizes propostas em documentos oficiais, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN/1999; PCN+/2002 e Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCM/2006), além da sanção da Lei 11.161 (05/08/2005), que torna obrigatória a oferta da língua espanhola nas escolas públicas e privadas de Ensino Médio. (2013, p.1)

Esse quadro precisa ser mudado e para tal necessita-se de muita luta e persistência dos responsáveis em conduzir o ensino de língua espanhola, sejam estes professores ou discentes do curso de Espanhol.

Direcionando esta problemática para a discussão proposta neste artigo, é preciso ressaltar que sem espaço para atuação do professor de língua espanhola, será impossível

promover-se aulas interculturais que prezem a diversidade cultural. No final, isto ocasiona também numa perda de oportunidade para aprimorar o ensino do espanhol e de investigar a importância da interculturalidade nesse processo.

Existem documentos que, como já apontado, orientam, estruturam e organizam a educação brasileira. Neles são abordadas a importância de se trabalhar a pluralidade cultural e a diversidade no processo de ensino/aprendizagem. Porém, é preciso garantir que estes temas sejam abordados não somente na metodologia do professor, mas também que estejam presentes no material didático que será utilizado. Neste sentido, cabe aos pesquisadores e professores investigarem e avaliarem o material que será/está sendo destinado aos alunos. PARAQUETT *APUD* GUADALUPE; SILVA (2013, P. 2)

Como já mencionado, no mais é preciso verificar/avaliar como está constituído o currículo dos cursos de formação de docentes na área de língua espanhola. Diante da discussão tida até o exato momento sobre a importância da interculturalidade no ensino de E/LE, levantamos o seguinte questionamento: A interculturalidade tem sido inserida nos currículos de formação de professores de espanhol? Se sim, de que maneira?

Tendo em vista a importância da interculturalidade já exposta nos parágrafos anteriores deste artigo, nos fora suscitado perceber o lugar ou espaço dado à interculturalidade nos currículos de licenciatura em espanhol. Para isso, fez-se uma pesquisa preliminar levantada a partir de informações encontradas no site *universia.com.br*. Neste site, ao colocarmos como busca a palavra 'licenciatura em espanhol' são mencionados mais de 2.000 cursos ativos. Focamo-nos aqui em fazer uma observação sobre o currículo dos cursos de licenciatura em espanhol que se denominam como presencial e de instituição pública. As universidades foram: Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade do Estado da Bahia, Universidade Estadual da Paraíba, Universidade Federal do Amazonas, Universidade Estadual de Santa Catarina, Universidade Federal de Alagoas, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Acre, Universidade Federal de Roraima, Universidade Estadual do Maranhão, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal de São Paulo.

Ao observar os currículos dos cursos de licenciatura em espanhol das instituições citadas acima pode-se perceber que de maneira geral seus projetos de curso mencionam ou abordam questões relativas à interculturalidade (pluralidade/diversidade cultural) no processo da formação de professores de Espanhol. Vale enfatizar que a base para a criação dos projetos de curso em licenciatura em língua espanhola se baseia e está fundamentada de acordo com os marcos regulatório do Conselho Nacional de Educação e pelas normatizações expressas nos PCN e na LDB que em muitas passagens ressaltam a importância cultural e intercultural para a formação docente.

Nos projetos de curso aqui pesquisados, o primeiro dos objetivos que une de maneira geral todos os cursos acima apontados perpassa pela ideia de formar licenciados que compreendam a língua como processo de interação e comunicação sociocultural, ou seja, que compreenda a importância da diversidade cultural no seu próprio processo de formação, uma vez que a cultura está intrinsecamente ligada à língua e vice-versa, e a interculturalidade, por sua vez, inserida neste mecanismo.

De maneira geral, a grande parte dos cursos de Licenciatura em Língua Espanhola no Brasil tende a construir seu currículo baseado no que denominamos aqui como os principais 4 (quatro) eixos temáticos, que atendem aos conteúdos específicos da área, discriminados a seguir: 1) Eixo de Conhecimentos de Natureza Científico-Cultural (CNCC); 2) Eixo de Formação Docente (FD); 3) Eixo Interdisciplinar (EI); 4) Eixo das Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACCs).

A carga horária total dos cursos de licenciatura em língua espanhola tende a ser sempre superior a 3.000 horas, distribuídas normalmente em oito semestres letivos com o intuito de melhor atender ao contexto e fortalecer a articulação entre os componentes curriculares.

A maior parte dos cursos é composto por mais de 38 componentes, distribuídos, em quase sua maioria, em oito semestres. Destes, alguns são desenvolvidos sequencialmente e são divididos basicamente em três níveis que englobam o conhecimento da língua e gramática da língua espanhola em si: Básico I e II, Intermediário I, II e III, Avançado I, II e III, podendo o

Instrumental I e II ser cursados sem os pré-requisitos dos semestres anteriores. Além desses, os componentes curriculares que denominamos aqui como Núcleos de Estudos Interdisciplinares (com níveis diversos, normalmente oferecidos de 1 a 5 semestres) que são disciplinas que abordam temáticas de ordem educacional/pedagógicas e técnicas, tais como: ABNT, LDB, PCN, metodologias de ensino, escrita científica, documentos nacionais, leis, normas etc.

Da observação do currículo dos cursos pesquisados pode-se inferir, de modo geral, que dentre os componentes que o constitui não há evidência da interculturalidade como um conteúdo direto em nenhum deles. Ou seja, nenhuma das ementas analisadas aponta de maneira objetiva tópicos específicos a serem discutidos ou algum tipo de trabalho a ser executado ou desenvolvido que trate/aborde/faça-se conhecer a interculturalidade para além de uma simples conceituação do termo.

Por outro lado, é necessário evidenciar que alguns desses componentes trabalham indiretamente com a temática interculturalidade, seja implícita ou explicitamente. Como por exemplo, nos componentes de Laboratório (Língua Espanhola) quando se realiza comparações entre o português e o espanhol, afim de dinamizar e esclarecer os conteúdos em estudo; ou na disciplina Prática de Tradução, quando se destaca a necessidade/importância de conhecer a cultura do outro para poder executar esta tarefa (tradução).

Outros componentes, como Estudo Comparativo da Literatura da Língua Espanhola e da Língua Materna, Teoria da Literatura em Língua Espanhola e em Língua Materna, Aspectos Históricos e Culturais da África e da Diáspora, Estudos da Morfossintaxe da Língua Espanhola e Estudos Comparativos Linguísticos, podem ser observadas evidências da interculturalidade em seu desenvolvimento, seja nos conteúdos abordados ou nas atividades aplicadas em aula.

Contudo, apesar de nenhuma das disciplinas abordar diretamente a temática, temos que apontar que as vivências disponibilizadas por essas diferentes disciplinas acabam por permitir a inclusão da temática nas discussões em sala, mesmo que transversalmente. Da mesma forma, há disciplinas em que a interculturalidade pode de alguma maneira ser tangencialmente abordada no processo de ensino.

Todavia, é importante frisar a notória ausência da interculturalidade como componente curricular ou como uma grande temática dentro de qualquer dos componentes curriculares observados. Sua presença, seja como componente curricular único ou como grande tema central de um componente curricular influenciaria direta e indiretamente na construção de um curso que atenda realmente a demanda de uma formação dos discentes coerente à inserção da diversidade e do estudo intercultural. MATOS (2014)

Por fim, tendo em vista a realidade aqui apresentada, constata-se a possibilidade de um grande hiato para e no processo de formação desses futuros professores de espanhol, vide a importância da interculturalidade no processo de ensino e aprendizagem do espanhol ou de qualquer outra língua estrangeira. Conforme Matos, seria interessante que os cursos de graduação em Letras com habilitação em língua estrangeira, onde se formam professores aptos a lecionar em escolas de ensino básico, repensassem e reformulassem os planos político-pedagógicos de maneira que a perspectiva intercultural estivesse presente em suas disciplinas e respectivas ementas. (2014)

No mais, não existe uma estratégia clara para a inserção da interculturalidade como método/metodologia em sala de aula, como evidencia as ementas das disciplinas que compõem os cursos de espanhol observados. Isso fica ainda mais evidente se observarmos componentes curriculares como o Estágio Obrigatório Supervisionado que em quase a totalidade dos cursos observados não fazem nenhuma menção à interculturalidade como instrumento metodológico no processo de desenvolvimento das aulas da disciplina de espanhol.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A longo deste artigo, tentamos discutir as possibilidades e a relevância do uso pedagógico da interculturalidade no ensino de Espanhol como Língua Estrangeira, apresentando não somente um debate teórico sobre o conceito, mas também empreendendo uma análise da matriz curricular da formação em Espanhol desenvolvida em algumas universidades públicas.

Infelizmente constatamos a ausência de um debate mais efetivo sobre a interculturalidade nos componentes dos cursos aqui pesquisados, o que produz, como consequência, a sua 'invisibilidade' como instrumento pedagógico no processo de ensino que será ministrado/produzido pelos futuros professores de espanhol. Também aspiramos ter deixado claro que a incorporação de uma reflexão sobre a interculturalidade permite contribuir para a desenvolvimento social dos indivíduos, desmistificação estereótipos acerca da cultura do outro, produzindo uma pedagogia do respeito e libertadora. (FREIRE, 2003)

Porém, para que o ensino intercultural aconteça de maneira positiva e efetiva, as escolas e as universidades, grandes formadoras de indivíduos sociais, precisam perder o medo do contato com as diferenças, pregando uma política igualitária, humanizada e de respeito ao outro e suas peculiaridades.

Assim, para possibilitar isso, os cursos de formação de docentes na área de E/LE precisam inserir e/ou ampliar a discussão intercultural em seus currículos, seja diretamente nos componentes ou nas práticas deles derivadas. Essa lacuna, na perspectiva defendida nesse TCC, aponta para a necessidade de se empreender uma reformulação do projeto político pedagógico dos cursos de Espanhol, de forma a assegurar e fomentar melhorias na qualidade do ensino e na formação dos indivíduos inseridos nesse processo.

Não podemos, portanto, cruzar os braços diante dos desafios que envolvem a execução de um ensino de E/LE que inclua em seu desenvolvimento a interculturalidade, garantido que os profissionais em formação sejam realmente preparados e capazes de promover aulas por via de um prisma intercultural.

Contudo, para que mudanças ocorram é primordial que os docentes e discentes envolvidos na construção do ensino de E/LE reflitam sobre questões relatadas neste trabalho e (re)pensem o modelo de ensino na perspectiva cultural. Somente assim poderemos, de fato, contribuir para que o ensino de E/LE extrapole os limites mecanicistas que, de certa forma, ainda marca o ensino de línguas e assuma um papel mais complexo e rico.

Por fim, contribuir para o desenvolvimento social e humano de cada indivíduo, assegurando-lhe que novos horizontes se descortinem, e conseqüentemente, corroborando na construção de uma sociedade melhor talvez seja, em síntese, o papel primordial do educador, pois, nos apropriando do pensamento de Einstein: "a mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original".

Diante do exposto, defendemos que os cursos de licenciatura em língua espanhola espalhados pelo país possam abarcar por intermédio de seu currículo um ensino e aprendizagem que possibilite uma formação do professorado cujo conhecimento perpassa pelo entendimento e importância de uma aula de LE sob o enfoque intercultural.

Desejamos assim que a lacuna em relação à ocultação da interculturalidade nos currículos dos cursos de formação de professor de língua estrangeira vislumbre uma nova realidade, oportunizando um espaço onde essa temática seja vista, debatida e ensinada, contribuindo assim para uma formação de professores conectada com a realidade de um mundo globalizado, diverso e rico culturalmente, possuidor de muitas caras, falas, expressões, raças e manifestações variadas que devem ser conhecidas pelo alunado brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. Língua Além de Cultura ou Além de Cultura, Língua? Aspectos do Ensino da Interculturalidade. In: CUNHA, M. J. C.; SANTOS, P. (Orgs.). *Tópicos em Português Língua Estrangeira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 209-215, 2002.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnologia, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnologia, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnologia, 1997.
- CESNIK, F. S.; BELTRAME, P. A. *Globalização da cultura*. Barueri: Manole, 2005.

FLEURI, Reinaldo Matias. In: *Palestra Proferida no V Colóquio Internacional Paulo Freire*, 2005. Disponível em: 2018

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 36. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2003.

GUADALUPE, Lucila Carneiro; SILVA, Marta Cristina da. *A interculturalidade no ensino-aprendizagem*, 2013.

MARTINEZ, Carla Maria Rodrigues. *Que músicas falamos, que culturas cantamos? A aprendizagem intercultural através das canções em inglês e da autobiografia dos encontros interculturais*, 2012. Disponível em: <http://run.unl.pt/handle/10362/9279>. Acesso em: 20/04/2018

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. *Formação de espanhol como língua estrangeira: os gêneros como mediadores culturais. /Pesquisas em Discurso Pedagógico intercultural de professores de espanhol e materiais didáticos*. In: ABEHACHE - [www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri\\_2005\\_recife\\_resumo\\_e\\_texto\\_completo.pdf](http://www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri_2005_recife_resumo_e_texto_completo.pdf). Acesso em: 20/04/no 4 - nº 6 - 1º semestre. 2014, 2014. Disponível em: [http://www.hispanistas.org.br/arquivos/revistas/sumario/revista\\_6/165-185.pdf](http://www.hispanistas.org.br/arquivos/revistas/sumario/revista_6/165-185.pdf). Acesso em: 21/04/2018

MOITA LOPES, L. P. *A Nova Ordem Mundial, Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Ensino de Inglês no Brasil: A Base Intelectual Para Uma Ação Política*. In: BARBARA, L. e RAMOS, R. C. G. (Orgs.) *Reflexões e Ações no Ensino-Aprendizagem de Línguas*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

RAMOS, N. *Comunicação, Cultura e Interculturalidade: Para uma comunicação intercultural*. In: *Revista Portuguesa de Pedagogia*, (35,2), p.155-178, 2001.

UNIVERSIA BRASIL. [www.universia.com.br](http://www.universia.com.br)

VASCONCELOS, Luciana M. de. *Mais definições em trânsito. Interculturalidade*, 2001. Disponível em: [http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDA DE.pdf](http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDA_DE.pdf) >. Acesso em: 28/01/2018.

VIÑAL JUNIOR, José Veiga. *O Componente Curricular da EJA no Projeto dos Cursos de Língua Estrangeira da UNEB: Uma perspectiva para a emancipação*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos da Universidade do Estado da Bahia, Salvador – BA, 2015.

## NOTAS

<sup>1</sup> A ideia de que os indivíduos são condicionados a um modo de vida específico e particular por meio de inúmeros processos, nos quais adquirem seus próprios sistemas de valores e sua própria integridade cultural. Pode-se deduzir, então, que cada cultura possui suas formas básicas, mas que, simultaneamente. Possuem características que podem ser comuns. Essa ideia nos conduz a um sentimento de profundo respeito à estrutura de funcionamento fundamental de cada cultura, em relação a seus valores, normas, padrões ou expressões. (Conceito extraído do site <http://www.dicionarioinformal.com.br/relativismo+cultural/>, acessado em 12/02/2018).

<sup>2</sup>O contrário da sociedade multicultural. É uma sociedade bastante homogênea, composta por uma só cultura - ou por uma cultura muito dominante - onde as tradições, identidade cultural e língua oficial são partilhadas pela esmagadora maioria dos cidadãos, existe menor diferenciação regional, as etnias constituintes têm tendência para uma menor variedade, existe também a tendência para a adoção de uma religião dominante e as liberdades individuais são delineadas de acordo com a promoção da monoculturização, entre outras coisas. (RAMOS, 2001)